

BETAR & ARTES LETRAS

#95 | MARÇO | 2018

Monstra

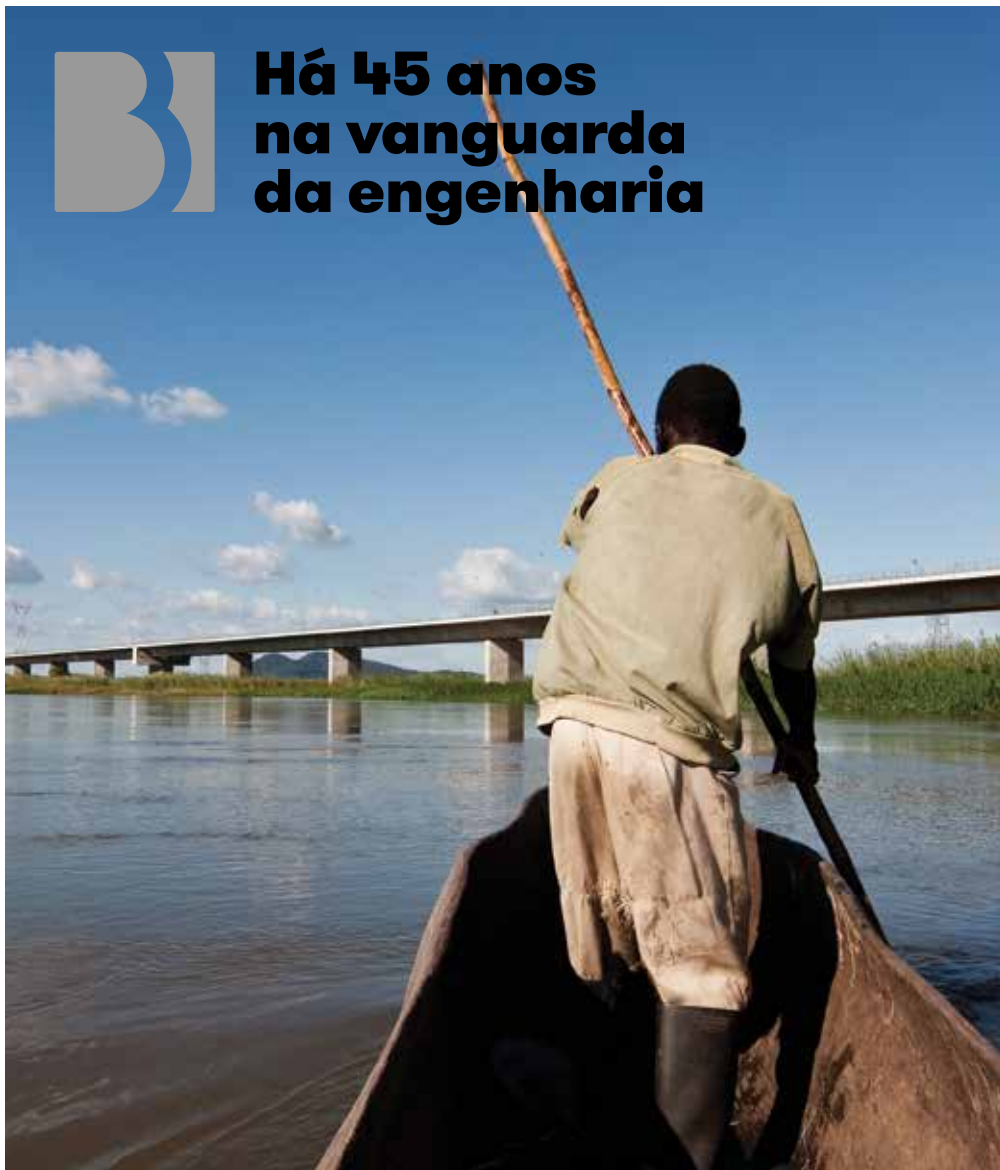
Festival
de Animação
de Lisboa

B
Betar





Há 45 anos na vanguarda da engenharia



FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Neste número de Março, temos a entrevista com o Arquitecto Tiago Mota Saraiva, fundador do AtelierMob e, mais recentemente da cooperativa “Trabalhar com 99%”, que tem vindo a desenvolver um trabalho muito interessante na área social, entre outras, sendo já uma referência nacional e internacional neste domínio, reflectida em vários trabalhos e em diversas participações em Foruns internacionais.

O Festival de Cinema em destaque é a Mostra, Festival de Animação de Lisboa, onde vão ser exibidos quase 140 filmes, incluindo alguns históricos como “Yellow Submarine”.

No campo das artes plásticas, o MAAT apresenta uma exposição pensada a partir da obra de uma das figuras mais relevantes da vanguarda portuguesa do século XX, Ernesto de Sousa. Em Nova Iorque, no Guggenheim, está patente uma mostra com várias peças da “Thannhauser Collection”, e no Museu do Prado, em Madrid, podem ver-se obras de Mariano Fortuny e Marsal.

Ao palco d’A Barraca, sobe a peça “Erêndira! sim avó...”, baseada na obra de Gabriel García

Marquez sobre a realidade da exploração sexual de menores na Colômbia profunda.

No que respeita a concertos, o Teatro Municipal Joaquim Benite convidou Samuel Úria para atuar em Almada; no Campo Pequeno acontece um evento inédito que junta Gilberto Gil, Nando Reis e Gal Costa; Bob Dylan é o anfitrião do Altice Arena. Um pouco mais longe, no Olympia, em Paris, os Editors darão um concerto para fãs de todo o mundo. E em Maputo acontece o Festival Internacional de Tango.

Temos ainda uma crónica do coreógrafo Rui Horta, sobre o filme “A Festa”, de Sally Potter, algumas notícias sobre a sua actividade mais recente no domínio da dança e do seu projecto “Espaço do Tempo”, sediado em Montemor o Novo.

BETAR

Após a tragédia dos incêndios, que no passado verão afetou o centro do país, a BETAR envolveu-se na reabilitação de algumas habitações naquela zona



P revê-se a construção de uma habitação unifamiliar, quase integralmente nova, incluindo um pequeno espaço exterior coberto, que apresenta um Piso 0 de ocupação parcial da implantação da casa, um Piso 1 de ocupação total e cobertura em telhado de duas águas. Aproveitando as paredes de alvenaria de pedra existentes, devidamente reabilitadas e reforçadas, definimos estruturas mistas de alvenaria com pavimentos e cobertura em betão armado. O reforço das paredes de alvenaria de pedra existentes é obtido por gunitagem armada, constituída por projeção de microbetão. Nos vãos novos prevemos a aplicação de pares de perfis HEA 160, refechados com pedra argamassada e reboco. As lajes térreas, executadas com betão da classe de resistência mínima C25/30, devem incorporar fibras de polipropileno. As fundações são diretas, por sapatas de betão armado.

Reconstrução de Casa Unifamiliar, Campelos, Pedrógão Grande

Projeto: 2018
Obra: em construção
Área Bruta de Construção
226 m²
Dono de Obra: Fundação Calouste Gulbenkian
Arquitetura: Ateliermob/
Trabalhar com 99%
Especialidades:
Demolições, Fundações
e Estruturas, Instalações
Hidráulicas

À CONVERSA COM

Tiago Saraiva Ateliermob

‘É um problema quando a casa deixa de ser associada a um direito humano e se torna admissível despejar pessoas para dar lugar a um Airbnb. Tudo foi mercantilizado’

Há cinco anos, quando falámos pela primeira vez, o Ateliermob procurava alternativas à prática pura da arquitetura. Continuaram nessa vertente?

Continuámos e foi assim que, nos últimos anos, progredimos e aumentámos o volume global de trabalho. Transferimos muito do nosso trabalho para essa lógica de angariação de financiamento para projetos que queríamos fazer e foi isso que nos permitiu encontrar uma resposta à crise, embora tenhamos tido sempre encomenda normal. Este tipo de trabalhos, que tem um carácter social, está agora mais organizado porque criámos, há cerca de dois anos, uma cooperativa, “Trabalhar com 99%”, e é ela que gere esses trabalhos, mais de apoio à população. As associações de moradores, por exemplo, podem fazer parte da cooperativa que, como lhe presta um serviço, não há lugar a IVA. Temos muitos pedidos de adesão de entidades sem fins lucrativos. A cooperativa permitiu-nos também acrescentar valências ao atelier. Temos uma paisagista e uma antropóloga que nos ajudam a prestar um conjunto de serviços mais alargado.

Foi através da cooperativa que se envolveram em projetos de recuperação de casas afetadas pelos incêndios, no centro do país?

Sim. Temos a componente clássica da reabilitação do edifício, onde há muita interação com as pessoas, mas também, através do fundo gerido pela Fundação

Calouste Gulbenkian - o que até motivou a abertura de um atelier em Figueiró dos Vinhos - temos uma proposta para ajudar na recuperação de outro tipo de construções, como a rede de bibliotecas, porque não foram só habitações que foram afetadas. Infelizmente há a questão do chico-espertismo, a falta de projetos, a ideia de que tudo pode ser dado aos empreiteiros. Está tudo centrado na questão do tempo e do dinheiro. Mas a verdade é que, se não for o arquiteto, ninguém pensa em coisas tão importantes como as fossas, por exemplo. Nós, nos projetos que fazemos com a BETAR, substituímos as fossas permeáveis. Os painéis solares também não estão a ser sempre aplicados, parece que voltámos atrás no tempo. Sinceramente faltam arquitetos a trabalhar no terreno, para nós era muito importante ter outros arquitetos lá. Os arquitetos, muitas vezes, são vistos como um empecilho, fazem mais caro e demoram mais tempo. Demorar mais tempo é verdade, porque temos de pensar, desenhar, fazer. Ainda assim, estes projetos foram feitos muito mais rapidamente, o atelier cresceu e arranjámos processos de emergência. E os projetos não são mais caros. Fizemos questão de estar muito próximo dos empreiteiros e de lhes explicar tudo para que não dessem valores muito altos. Conseguimos valores muito abaixo, a construção nova está entre 450 e 650 o m2, o que é absolutamente extraordinário. E as pessoas percebem que houve um upgrade em relação às casas que tinham.



A crise passou e o atelier está numa fase estável?

Como atelier, nós sempre vivemos em crise. Sempre tivemos o stress da contenção. De 2008 a 2010 fomos mais afetados porque a encomenda pública foi quase toda para a Parque Escolar onde a nova geração de arquitetos ficou de fora. Foi aí que nos virámos para os financiamentos, que foi sempre uma coisa muito bem programada e estabilizou o nosso volume de negócio e o quadro de pessoal. Nunca foi nosso objetivo retirar os lucros da empresa, tiramos salários. Quando temos mais lucro, colocamos mais uma pessoa ou redistribuímos pelas que cá estão, isso motiva as pessoas, faz com que vistam a camisola. Temos muito mais mulheres do que homens e isso tem a ver com uma valorização da questão contratual.

O que tem a dizer sobre a nova Lisboa?

Está a produzir-se uma força no interior de Lisboa que está a mandar as pessoas para fora. Tudo foi mercantilizado, para cada casa encontrou-se um valor de mercado, e isso está a prevalecer sobre

qualquer outra coisa. É um problema quando a casa deixa de ser associada a um direito humano. A determinada altura tornou-se admissível despejar um casal de idosos, que paga uma renda baixa, para ser substituído por um Airbnb que dá um lucro maior. Os preços aumentaram de tal forma que os portugueses, com os salários médios que têm, não conseguem suportar e têm de ir para fora do centro. Portugal até tem o direito à habitação na Constituição de uma forma bastante avançada, ao nível dos direitos humanos, mas isso depois não se aplica. A habitação deixou de ser vista como um direito fundamental. Por exemplo, existe o direito à energia mas ainda hoje há bairros que não têm electricidade, cerca de 12 mil pessoas a viver nessas condições. Através da cooperativa, fomos chamados pela Comissão Parlamentar, que está a preparar Lei de Bases da Habitação, para mostrar um conjunto de propostas de bairros onde estamos a trabalhar, com condições díspares, de modo a que chegue aos deputados uma visão técnica, para que eles possam produzir legislação adequada à realidade.

SUGESTÕES

ARTES



Supergood Diálogos com Ernesto de Sousa

Esta exposição foi pensada a partir da obra de uma das figuras mais relevantes da vanguarda portuguesa do século XX. A mostra promove uma revisão e atualização da obra de Ernesto de Sousa, colocando lado a lado artistas de diferentes gerações e nacionalidades, como Melanie Bonajo, Rita Sobral Campos, Vasco Costa, Simon Dybbroe Møller, Jannis Varelas, explorando as dimensões política, cultural e ideológica que marcaram a atuação de Ernesto de Sousa, ao longo de mais de duas décadas. Desta forma, o legado artístico e conceptual de Ernesto de Sousa é convertido num campo vasto de experimentação.

ATÉ 4 DE JUNHO

MAAT, Lisboa

TEATRO

Erêndira! Sim, avó...

Usando como pano de fundo a triste realidade da exploração sexual de menores na profunda Colômbia, o prémio Nobel da literatura, Gabriel García Marquez, dá-nos a conhecer a relação de exploração entre uma avó desalmada e uma neta cuja cega obediência suporta extremos de violência sexual impensáveis. “Se as coisas continuarem assim pagas-me a dívida dentro de oito anos, sete meses e onze dias”, contabiliza a avó. Uma peça que retrata níveis de crueldade impensáveis entre uma avó e uma menina de 14 anos. **ATÉ 1 DE ABRIL**



A Barraca, Lisboa
Direção Rita Lello
Interpretação Maria do Céu Guerra, João Maria Pinto, Adérito Lopes, João Parreira, Rita Soares, Ruben Garcia, Samuel Moura, Sara Rio Frio, Sérgio Moras, Alexandre Castro e Diogo Varela

Destacar um evento entre tantas boas sugestões que Março nos traz não nos parece lógico. Assim, deixamos as nossas propostas para que possa selecionar a seu gosto



CINEMA

Monstra: Festival de Animação de Lisboa

A Monstra nasceu no ano 2000 com o objetivo de celebrar a transversalidade artística usando como base a linguagem mais pluridisciplinar que conhecemos, o Cinema de Animação. Este ano será a Estónia o país em destaque. A Monstra vai passar quase 140 filmes deste país, entre “filmes históricos, contemporâneos, retrospectivas de realizadores, como Priit Pärn, Priit Tender, Kaspar Jancis, Ülo Pikkov ou Rao Heidmets, longas-metragens e filmes para pais e filhos”. Vai ainda passar alguns filmes de animação históricos como Yellow Submarine (que comemora 50 anos), Planeta Selvagem, The Secret Adventures of Tom Thumb e Belleville Rendez-Vous.

8 A 18 DE MARÇO

Cinema São Jorge, Cinema City Alvalade, Cinema Ideal, Cinemateca Portuguesa, Museu da Marioneta, Fábrica do Braço de Prata, Lisboa

MÚSICA E DANÇA



Samuel Úria

DIA 2, NO TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE, ALMADA

Samuel Úria, um dos mais destacados intérpretes, e um dos mais importantes escritores, da música contemporânea portuguesa, sobe ao palco do TMJB para um concerto intimista. Ao longo dos anos, conseguiu unir a crítica no apreço pelo seu percurso a solo, iniciado em 2008.

Gil, Nando e Gal: “Trinca de Ases”

DIAS 9 E 10, NO CAMPO PEQUENO, LISBOA

Gil é o rapaz maduro, calejado pela idade, Nando é o menino impetuoso e viril e Gal, a moça. A audácia de três mosqueteiros, a leveza de três patetas, e a grandeza de três poetas”, assim é descrito o concerto inédito que junto no mesmo palco Gilberto Gil, Nando Reis e Gal Costa.



Bob Dylan

DIA 22, NA ALTICE ARENA, LISBOA

Bob Dylan é um dos maiores cantores, compositores e escritores de todos os tempos. O músico, já com 50 anos de carreira, é conhecido por ser um dos mais consagrados do século XX e o valor do seu portfólio é incalculável. Trata-se de uma oportunidade única de assistir ao vivo a esta grande voz.

Bianca Branca

DIA 31, NO CONVENTO DA SAUDAÇÃO, MONTEMOR-O-NOVO

O Espaço do Tempo é uma estrutura transdisciplinar que serve de apoio a inúmeros criadores nas áreas do teatro, dança, performance, música e artes visuais. Com Rui Horta como diretor artístico, centra-se na criação contemporânea e este mês apresenta um espetáculo de dança para a infância, com coreografia de Leonor Keil.



Concertos e óperas em março por António Cabral

Fundação Calouste Gulbenkian

1/3 ÀS 21 HORAS E 2/3 ÀS 19 HORAS
(Grande Auditório)

A Orquestra Gulbenkian, dir. de Joana Carneiro, e o conhecido pianista Nikolai Lugansky, tocam a “Sinfonia no 6” e “Concerto de Piano no 4” de Beethoven.

3/3 ÀS 19 HORAS (Grande Auditório)

Martha Argerich (pn.) e Lilya Zilberstein (pn.) interpretam (em duo): R.Schuman/C. Debussy, Liszt e Rachmaninov.

8/3 ÀS 21 HORAS E 9/3 ÀS 19 HORAS
(Grande Auditório)

Coro e Orquestra da F.Gulbenkian, solistas e Dir.David Afkham interpretam a monumental “Sinfonia no 2” de Gustav Mahler.

10/3 E 31/3 ÀS 18 HORAS (Grande Auditório)

Transmissões do Met de Nova Iorque: respectivamente as óperas “Semiramide” de Rossini e “Cosi fan tutte” de Mozart. Duas obras primas.

14/3 ÀS 21 HORAS (Grande Auditório)

O conhecido pianista Lang Lang, com muitíssimos fans e alguns críticos, interpreta Debussy, Liszt, Albéniz, Granados e M.Falla.

19/3 ÀS 21 HORAS (Grande Auditório)

O grande pianista Andrés Schiff e a cappella Andrea Barca tocam seis concertos de J.S.Bach.

26, 27 E 28/3 ÀS 20 HORAS (Grande Auditório)

Coro e Orquestra Gulbenkian, solistas de

muita qualidade e o maestro dos grandes concertos de Natal e Páscoa, Michel Corboz, apresentam a “Paixão segundo S.Mateus” de J.S. Bach. Não se podia escolher melhor para a esta quadra.

Centro Cultural de Belém

1/3 ÀS 19 HORAS (Sala Luís de Freitas Branco)

Trio Pangea interpreta Trios de Haydn, Luís Costa, Alexandre Delgado e Schumann.

4/3 ÀS 17 HORAS (Pequeno Auditório)

Shostakovich Ensemble: dois pianistas, cantora m.s. e flautista. Muito Debussy e Caplet, Ravel, Saint-Saens e Shostakovich.

17/3 ÀS 21 HORAS (Grande Auditório)

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música; John Storgårds direção musical: Anton Bruckner “Sinfonia n.o 8, em Dó menor”.

25/3 ÀS 17 HORAS (Grande Auditório)

J. S. Bach – “Paixão Segundo São João, BWV 245”; Orquestra Metropolitana de Lisboa, com o Coro Sinfónico Lisboa Cantat; Dir. Enrico Onofri; Solistas: Eduarda Melo (s.), Carolina Figueiredo (m.s.), Marco Alves dos Santos (t.), Christian Luján (b.), José Corvelo (b.) e Jorge Vaz de Carvalho (b.)

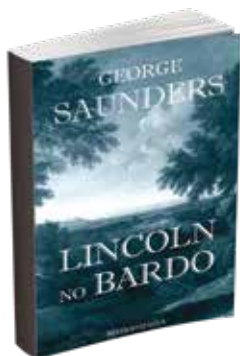
29/3 ÀS 21 HORAS (Grande Auditório)

Orquestra Sinfónica Portuguesa; Coro do Teatro S.Carlos; Solista; Dir. Antonio Pirolli, interpretam outra grande Obra Sacra da Páscoa o “Stabat Mater” de Gioachino Rossini (1792-1868).

PARA LER

George Saunders Lincoln no Bardo

Era conhecido como o mestre das short-stories, mas depois de 2017 George Saunders será lembrado como um dos poucos autores cuja primeira novel venceu o mais prestigiante prêmio da literatura inglesa: o Man Booker Prize. “Lincoln no Bardo” é um conto comovente e original que decorre no cemitério onde Abraham Lincoln vela pelo filho. Saunders parte dos relatos históricos que falam de um Lincoln abalado pela morte do pequeno Willie, e junta o realismo a um universo sobrenatural que tem tanto de cômico como de grotesco, numa história familiar inesquecível. Nestas páginas, o autor revela-nos o seu trabalho mais original, transcendente e comovedor. A ação desenrola-se durante apenas uma noite e a história é-nos narrada por um coro de vozes, que fazem deste livro uma experiência impar que apenas George Saunders nos conseguiria dar.



Colson Whitehead A Estrada Subterrânea

Basta ler as primeiras páginas de “A Estrada Subterrânea” para perceber que Colson Whitehead, vencedor prêmio Pulitzer, transcende os horrores do costume sobre a escravatura da América no século XIX e foca-se nos horrores que ocorriam dentro das plantações, entre os próprios escravos, e nas cidades aparentemente anti-esclavagistas. Cidades essas que subsistiam dos esforços de escravos fugidos que trocavam a sua identidade por um lugar (quase) seguro. Cora é escrava numa plantação de algodão no estado sulista da Geórgia. Quando Caesar, outro jovem escravo chega do estado vizinho da Virgínia, fala-lhe da estrada subterrânea, e os dois decidem correr um risco fatal e fogem da plantação, rumo ao norte e à liberdade. Nessa madrugada de mau presságio, inicia-se uma fuga sangrenta, uma odisséia de esperança e de desilusão.



A Festa Sally Potter



em qualquer hesitação, a minha sugestão de filme vai para A Festa, de Sally Potter. Na seleção final para o Urso de Ouro, em Berlim, A Festa é uma deliciosa comédia tortuosa que nos deixa colados ao ecrã até ao último minuto.

Tudo se passa dentro de uma casa, o que realça ainda mais a prestação de um elenco de luxo, interpretando um plot absolutamente genial, à boa maneira do cinema independente inglês. Janet, uma jovem política, abre as portas da sua casa aos seus amigos mais íntimos, para celebrar o facto de ter sido eleita no seu partido como Ministra da Saúde Sombra.

O filme desenrola-se entre peripécias divertidas e inesperadas, com personagens tais como um casal de amigas lésbicas (Jinny e Martha), Tom, um jovem banqueiro stressado e viciado em cocaína, cuja mulher, a misteriosa Margareth, ainda ausente na festa, é a assistente de Janet, April, dominadora e assertiva, na companhia do seu companheiro Gottfried, um “life coacher” deliciosamente interpretado por Bruno Ganz e, claro, Bill, o marido de Janet, que está em total depressão devido a terríveis notícias de saúde, mas reserva algumas cartas na manga.

Enquanto Janet troca constantes mensagens ao telefone com um interlocutor misterioso, a festa resvala para um desastre tão anunciado como divertido. Entre revelações inesperadas e um desfecho onde se desfazem as ilusões de si mesmos e dos outros, o filme termina ainda mais surpreendentemente do que começou. Disponível para alugar na televisão por cabo.

Um filme inesquecível
por Rui Horta

OPINIÃO

NO MUNDO



Editors Olympia, Paris

Os Editors estão de volta a Paris, onde vão atuar numa das mais míticas salas de espetáculos. A banda britânica de indie rock é conhecida pelo seu som radical e enérgico e pela incontornável voz do vocalista Tom Smith. Desde o lançamento do primeiro single, em 2005, que a sua popularidade tem vindo sempre a aumentar, conquistando cada vez mais fãs pelo mundo.

DIA 23 DE MARÇO



Thannhauser Collection Museu Guggenheim, Nova Iorque

A família Thannhauser construiu um vasto portfólio de obras de arte que incluiu impressionistas e pós-impressionistas franceses, futuristas italianos e artistas alemães contemporâneos. O compromisso dos Thannhausers com a promoção do progresso artístico era paralelo à visão de Solomon R. Guggenheim e por isso, Thannhauser deu uma parcela significativa da sua coleção, incluindo 30 obras de Picasso, à Fundação Solomon R. Guggenheim, reforçando o espólio do museu de Nova Iorque. **ATÉ 17 DE MARÇO**



Fortuny (1838-1874) Museu Nacional do Prado, Madrid

O Prado apresenta, pela primeira vez, uma exposição sobre Mariano Fortuny e Marsal, à qual dedica as suas salas mais importantes. O artista espanhol foi um verdadeiro reformador em todas as obras que criou. Na pintura a óleo, a sua técnica precisa, colorida e brilhante, permitiu-lhe uma nova abordagem na captura de luz. A prática de desenho, rápida e nervosa, reflete os aspetos da realidade. A gravura, com uma extraordinária qualidade, colocou Fortuny entre os grandes artistas de seu tempo. **ATÉ 18 DE MARÇO**

MOÇAMBIQUE



Festival Internacional de Tango de Maputo Polana Serena Hotel, Maputo

Concertos, espetáculos de dança com grandes performers da modalidade, cinetango, tertúlias sobre o tema, exposições e workshops de tango são os eventos que integram o Festival Internacional de Tango de Maputo. Esta iniciativa, única em Moçambique, tem como principais artistas Maximiliano Chollet e Cinthya Tomino (Argentina) e Emiliano Fernandez e Lilyana Kamenova (Argentina e Bulgária). Trata-se de um convite para uma experiência, mais do que para um evento. É uma oportunidade para encontrar as raízes de um tipo de dança extraordinário, enquanto se sente o verdadeiro ritmo do tango.

DE 27 MARÇO A 1 ABRIL

ARTES

Por trás de uma performance: O tufo da Mafalala Centro Cultural Português, Maputo

Desenvolvida no âmbito de um projeto de investigação mais amplo, que visa compreender melhor o papel da música como agente de transformação em situações marcadas pelo conflito, esta instalação, através de um processo colaborativo de entrevistas, gravações de campo, vídeo e fotografia, aborda a prática artística do Tufo da Mafalala, designadamente a sua preparação e significado social e as vivências das mulheres makhuwas.

ATÉ 30 DE MARÇO





B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Reconversão de um Edifício
na Rua D. Luís I /Boqueirão do Duro